

GERARDO MAJELLA MELLO MOURÃO

CABO DAS TORMENTAS



EDIÇÕES DO ATRIL

RIO DE JANEIRO - M CM L

CABO DAS
TORMENTAS

Para Irmãos Londini,
com todo o encantamento

do

Peacocks

Rio. 416-

GERARDO MAJELLA MELLO MOURÃO
CABO DAS TORMENTAS



EDIÇÕES DO ATRIL
RIO DE JANEIRO - M CM L

DESTA EDIÇÃO
DE
CABO DAS TORMENTAS

FORAM TIRADOS DEZ EXEMPLARES EM PAPEL LEODGER, COM MARCA, ASSINALADOS DE A A J; VINTE EXEMPLARES EM PAPEL BOUFFANT, DISTINGUIDOS DE 1 A 20; CENTO E SETE EXEMPLARES EM PAPEL APERGAMINHADO, NUMERADOS DE 21 A 127; SESSENTA EXEMPLARES EM PAPEL GOAISKIN, MARCADOS DE I A LX — OU SEJAM — DUZENTOS E SETE EXEMPLARES, QUE CONSTITUEM, PRÓPRIAMENTE E AUTÊNTICAMENTE, A EDIÇÃO ORIGINAL

DÊSTE LIVRO

13

JUSTIFICAÇÃO
DA TIRAGEM



"Et factum est in anno sexto, in sexto mense, in quinta mensis ego sedebam in domo, et senes Juda sedebant coram me, et cecidit ibi super me manus Domini Dei.

2 Et vidi, et ecce similitudo quasi aspectus ignis: ab aspectu lumborum ejus, et deorsum, ignis: et a lumbis ejus, et sursum quasi aspectus splendoris, ut visio electri.

3 Et emissa similitudo manus apprehendit in cincinnis capitis mei: et elevavit me spiritus inter terram, et coelum: et adduxit me in Jerusalem in visione Dei, juxta ostium interius, quod respiciebat ad Aquilonem, ubi erat statutum idolum zeli ad provocandam aemulationem.

4 Et ecce ibi gloria Dei Israel secundum visionem, quam videram in campo.

5 Et dixit ad me: Fili hominis, leva oculos tuos ad viam Aquilonis. Et levavi oculos meos ad viam Aquilonis: et ecce ab Aquilone portæ altaris idolum zeli in ipso introitu.

6 Et dixit ad me: Fili hominis, putasne, vides tu quid isti faciunt, abominationes magnas, quas domus Israel facit hic, ut procul recedam a sanctuario meo? et adhuc conversus videbis abominationes majores.

7 Et introduxit me ad ostium atrii: et vidi, et ecce foramen unum in pariete.

8 Et dixit ad me: Fili hominis, fode parietem. Et cum fodissem parietem, apparuit ostium unum.

9 Et dixit ad me: Ingredere, et vide abominationes pessimas, quas isti faciunt hic.

10 Et ingressus vidi, et ecce omnis similitudo reptilium, et animalium, abominatio, et universa idola domus Israel depicta erant in pariete in circuitu per totum.

11 Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, et Jezonias filius Saphan stabat in medio eorum, stantium inter picturas: et unusquisque habebat thuribulum in manu sua: et vapor nebulæ de thure consurgebat.

12 Et dixit ad me: Certe vides, fili hominis, quae seniores domus Israel faciunt in tenebris, unusquisque in abscondito cubiculi sui: dicunt enim: non videt Dominus nos, dereliquitque Dominus terram.

13 Et dixit ad me: Adhuc conversus videbis abominationes majores, quas isti faciunt.

14 Et introduxit me per ostium portae domus Domini, quod respiciebat ad Aquilonem: et ecce ibi mulieres sedebant plangentes Adonidem.

15 Et dixit ad me: Certe vidisti, fili hominis: adhuc conversus videbis abominationes majores his.

16 Et introduxit me in atrium domus Domini interius: et ecce in ostio templi Domini inter vestibulum et altare. quasi viginti-quinque viri dorsa habentes contra templum Domini, et facies ad Orientem: et adorabant ad ortum Solis.

17 Et dixit ad me: Certe vidisti, fili hominis: numquid leve est hoc domui Juda ut facerent abominationes istas, quas fecerunt hic? quia replentes terram iniquitate conversi sunt ad irritandum me? et ecce applicant ramum ad nares suas.

18 Ergo et ego faciam in furore: non parceret oculus meus, nec miserebor: et cum

clamaverint ad aures meas voce magna, non exaudiam eos".

1 *"Et clamavit in auribus meis voce magna, dicens: Appropinquaverunt visitationes urbis, et unusquisque vas interfectionis habet in manu sua.*

2 *Et ecce sex viri veniebant de via portæ superioris, quæ respicit ad Aquilonem: et uniuscujusque vas interitus in manu ejus: vir quoque unus in medio eorum vestitus erat lineis, et atramentarium scriptoris ad renes ejus: et ingressi sunt, et steterunt juxta altare aureum:*

3 *Et gloria Domini Israel assumpta est de Cherub, quæ erat super eum ad limen aomus: et vocavit virum, qui indutus erat lineis, et atramentarium scriptoris habebat in lumbis suis.*

4 *Et dixit Dominus ad eum: Transi per mediam civitatem in medio Jerusalem: et signa thau super frontes virorum gementium et dolentium super cunctis abominationibus, quæ fiunt in medio ejus.*

5 *Et illis dixit, audiente me: Transite per civitatem sequentes eum, et percutite: non parcat oculus vester, neque misereamini.*

6 *Senem, adolescentulum, et virginem, parvulum, et mulieres interficite usque ad interneccionem: omnem autem, super quem videritis thau, ne occidatis, et a sanctuario meo incipite. Coeperunt ergo a viris senioribus, qui erant ante faciem domus.*

7 *Et dixit ad eos: Contaminate domum, et implete atria interfectis: egredimini. Et egressi sunt, et percutiebant eos, qui erant in civitate.*

8 *Et cæde completa, remansi ego: rut que super faciem meam, et clamans alo: Heu, heu, heu Domine Deus.....".*

— Ex libro Ezechiel Prophetæ, Cap. VIII

HÓSTIA de velha labareda,
de desfolhada chama,
hoje e há quanto tempo, há quanto
não vieste.

A chuva bate os dedos de cristal despedaçado no
chão do calabouço,
a chuva sem perfume e sem promessa.

Como chove no meu rosto !

E a chuva vem grossa e quente
e a chuva não vem do céu.

Sei que foste para Sierra Morena:

eu também sou penado de amores,

os ventos levaram a minha lua.

a treva cavou mais fundo — quem levou a terra fresca do meu
coração? —

estou nos vales do coração à chuva,

no te vayas a Sierra Morena,

eu também sou penado de amores,

eu também sei cantar-te noiturnios em doce língua galega,

poner mis trajes de bailarín andaluz

y bailarte mi sombra sin que veas mi cuerpo:

uma bandeja de beijos

e uma espanhola na bôca

e uma rabeca e a pungência

de uma noite do sertão.

— Lua cruel, lua ingrata,

meu amor, minha paixão,

não viverei sem teu cheiro

de cravo e mangericão!

Que resta ao abandonado

senão o seu abandono?

Outrora havia a noite e eu farejava
e ao aroma animal de suas pernas negras
minha sultana sômalá atirava-me aos joelhos
teu corpo.

Barregã de estrêlas neutras!
E os linhos cheirando a malva
e sôbre teu ventre, Urânia,
arredondava-se o céu.

Com mãos de prata e de espuma
eu te erguia os copos ruivos
de uma canção

— mas agora
as minhas mãos estão loucas,
as minhas mãos não são minhas,
são as mãos de São Francisco,
são duas palmas de cáctus.

Nem uma voz. Nem um perfume.
Qualquer voz poderia ser a do irmão. Qualquer perfume o teu.
Mas eu comí do pão da morte.
o pão de cada dia é o pão da morte e
ainda não se disse à minha dose : — basta.

Poderia alegrar minha casa com os frutos de minha espôsa,
no incesto de minhas irmãs mais belas embriagar-me e rir,
mas entre mil te escolhi
e com dois lírios nos olhos
no átrio de teus tabernáculos macerei-me,
enchí-o de ais e suspiros,
desfalecti de amor à tua espera
sob o sereno e as lágrimas.

Agora o chão do cárcere é frio
e a tua ausência um rastro de fogo no coração pisado.

— E' terrível haver sentido o gôsto do amor quando o desespero
reúne os seus convivas e
a solidão rói estas mãos em que plantei carícias.

Ai ! quando o amor, quando tu amadurecias nos pomares ...
é terrível amar,
é terrível cantar
até choverem tâmaras e rosas
e tua voz responder no doloroso diálogo.

-- Nem a noite. A chuva apenas, o frio. O rumor de um hálito
e a tua bôca se despetalando
com roxos bailes de brisa
dançando verdes aromas

e um coração que dói como o violão de um bêbado.

As minhas mãos não são minhas:

Será talvez o adeus que posso ainda,

será talvez o gesto para o vôo, a metamorfose, o anjo,

será talvez, ó lua ausente, ó devorado amor,

será talvez o abraço

de tua volta?

ELEGIA DOS LÍRIOS MORTOS



VEIO da relva o vento. Veio dos rios e dos pássaros. Veio o vento dos cedros, das tamareiras, das oliveiras, dos ciprestes, da polpa das maçãs, da resina dos pinhos, do óleo das palmeiras e das pedras veio o vento em fruto e flor.

E as abelhas e os morangos,
vinho de vinho, ananás,
corolas e um sabor
de corolas e pêssegos nos dedos.

E era junto às cachoeiras e entre as ancas
e os seios gorgeavam

o violino e o lírio.

E eras bela ! Se eras bela
quando em tua pele intacta
roçava a pele do vento
e a espuma de tua nuca
dos cabelos emergia —
como eras bela — Marcela —
como eras branca — Bianca —
como eras despenteada,
como saías do banho,
como eras nua — que nua
luará luar da lua!
— Já o teu corpo rescende
o aroma das folhas sêcas
e sôbre o chão amarelo
a ruiva marca das patas
de hienas e leopardos.
Abrem-se chagas nas pedras
e as espingardas Winchester
e os cactus incandescentes
erguendo rosas vermelhas.
Onde ocultar meus olhos?

o lírio profundo e morto
da lua bóia nos lagos.
E tive um grande medo de meus olhos.
Os olhos são cruéis como a porta do cárcere.

Brotam punhais dos frutos e das flores,
uiva no mapa o país das panteras
e os cães e os lobos soluçam de pavor.
As paisagens ululam: e a lua em sangue, a lua
passa de pata em pata ensangüentadamente.

E' a cabeça de São João Batista,
é a cabeça do palhaço morto.

Sôbre o jardim cruel de sargaços e rosas,
agora em sangue, agora desmaiada
a lua de alvaiade:
ó degolada, ó rosto, ó flôr, ó rapariga !

E' terrível passear pelo jardim natal
levando nas mãos sujas
as taças transbordantes,
os cálices dos lírios
de envenenados ventos.

E' terrível derramar o gérmen sôbre as adormecidas,
pisar depois as pétalas inúteis.
Amarguras de ouro e sangue.
Na bôca dos lírios derramei veneno,
êles nunca mais ressurgirão.

Em suas sepulturas
as flores parasitas
têm lágrimas de sangue;
as pétalas latejam
no coração de um cáctus
— e eu —
por meus olhos me acabo.

Por quê sentí aquêle vento, aquela noite de luar?
Por quê me achei belo e forte e em minha loucura
sonhei dormir com flores,
de perfumes e pétalas ter filhos?

Da fonte da vida jorrei morte,
recolhi do testamento de meus pais a herança do mistério
e me lembro de tôdas as coisas.

Como esquecer aquela alvura e aquêle

rubor de pétalas na alvoroçante agonia?

A roxa morte à sombra das figueiras. Mas

quem me dirá se os lírios são agonizantes ou são mortos ?

Nenhum perfume poderá ainda estremecer

as narinas de cristal das mortas?

Onde andarei senão nos cemitérios?

Em cada túmulo um pôrto e uma pergunta

e um roseiral. As belas rosas cruéis guardam as portas
do reino do descanso.

Na terra ardente minhas mãos se desmancham.

Como sepultar meus cadáveres amados ?

Se eu os lavasse em lágrimas — quem sabe ? —
o sangue de meus olhos talvez viesse ainda.

Embriagado embriaguei os inocentes

e eles rindo e morrendo me entregaram

os últimos aromas.

Ai ! e a lembrança de tudo... as velhas cêstas de papel ardendo
sempre e não se consumindo.

Passai de mim, Senhor, meu pão de cada dia,

passai de mim a lua agonizante.

No campo santo entre os cáctus brotando entre

os cactus — eu, nu —
como a flor tropical lasciva e triste
abrindo imensas pétalas de sangue:
passai de mim as minhas noites e meus dias.
Voltai !

No mapa — uma fronteira de lírios mortos.
E se eu tiver que chorar sôbre os lírios mortos
para sempre?

ELEGIA DAS MULHERES CREOULAS

"As mulheres estrangeiras o perderam".

(Nehemias — XIII — 26)

"Nigra sum sed formosa"

(Cant. dos Cant. I — 5)



ELOA' ! Oholibá !

Se nosso corpo é de cedro ou de tâmara — não perguntas, estrangeiro.

Morde o favo de mel dêstes nomes — Eloá ! Oholibá !

Descansa as tuas armas, deita-te sôbre a tua guitarra — não perguntas, estrangeiro, quando as galgas trigueiras se espreguiçam, que cálido terral te torneara o ébano dêstes braços e à beira de que lagos o alto junco destas pernas se ergueu.

Sob os céus bangalêses — à flauta dos fakirs — dançamos co'as serpentes. Cincoenta caravanas se perderam quando — ao nosso riso e ao riso dos regatos — nos oásis da Somália, com água de cinamomo, tôdas nuas nos banhávamos.

Eloá ! Oholibá !

Não perguntes, estrangeiro. Nosso nome já foi a flor da morte nos lábios dos guerreiros. As aldeias etíopes, as cidades do Nilo, as tendas mouras, estão desertas. Em Tel-Haviv houve um cantor. Em tôdas as praias apodrecem barcos e os marinheiros de punhal à cinta — perguntam e não sabem — se as mulheres creoulas somos das ilhas ou das antilhas, tahitianas ou corsas ou nativas do Ceará.

Não perguntes, estrangeiro. Tuas patrícias são brancas de lua e leite — as mulheres de lá não valem nada ! Tuas patrícias chamam-se Mara —

-- e eu me chamo Eloá !

-- e eu me chamo Oholibá !

A cama cheirosa de almúg lavrado — é jardim ou pomar ? —

Não chupas as uvas negras ? — Ai ! que nas têtas de vinho os odres vivos marulham cantigas de embriagar. Rouxinóis da côr da noite cantam bêbados à noite.

Ancas altas de gazelas, tornozelos de cadelas, orquídea súpli-
ce ao sol fechada e ao luar como a lua se abrindo.

Esquece as tuas irmãs, esquece, esquece, esquece.

Somos creoulas do mar, creoulas da serra, creoulas do vale do
Edom.

Eloá ! Oholibá !

Ai ! bôcas de punhal maduro, polpas de cajú ! de onde ? ai !

Umbigo de brisa em flôr, de roxa brisa de areia fina — e
giro — e mancha e se desmancha, ventres lisos e redondos,
quadrís polidos, fumaça em concha de alfazema.

Eloá ! Oholibá !

Olhos de algarismos e mar. O mundo começa nas coxas de Eloá,
se acaba nos seios de Oholibá, e ao reino de seus lábios
ninguém chega — ninguém chegará — a morte é antes.

(Lançastes fora minhas moedas. Com elas eu com-
praria uma roseira, florida de filhas do meu país. Es-
quef).

Sou o servo das mulheres creoulas. Queimou-as o sol. São mais
belas ao luar. Ondulam seios de sombra — ardentemente.

Que importam neves antigas ?

ELEGIA DOS BÊBADOS DE EFRAÍM

*“Ai da vaidosa corôa dos bêbados de Efraím e da velha flôr
de seus gloriosos enfeites”.*

(Isaias — XXVIII — 1)



NÃO FOI do vinho dos reis nem da cachaça dos pobres nem
cerveja de cabaret. De açucenas pode ser, de bogarís pode ser,
de cocaína não sei — mas tinha flautas no meio, foi de músicas,
feitiço de cantigas que
ficamos bê — bados assim.

Os bêbados têm uma táboa no mar — a táboa da embriaguez.
O rei está no balcão, não despacha com o ministro, veio ver a
dança dos bêbados, o reino vai de água abaixo — tomai lisol,

generais, o rei também ficou bêbado, conversa coisas amargas no dialeto mole dos bêbados de Efraim.

Jogaram a pátria, jogaram o amor. Jogaram as belas mulheres e na ponta das espadas jogaram a vida e a morte. Dançam no pátio do rei — que os ama e amaldiçoa, se enternece por êles, por êles perde batalhas, faz-lhes discursos em prantos, não fala com mais ninguém, mas lhes proíbe, aos sem-pátria, as portas de seu castelo.

Comemos carnes de quiliarcas. Longos cigarros assírios, longas púrpuras egípcias, longos dias provisórios espiralando no ar. — Como poderíamos ter, guardado nalguma ânfora o aroma da flor de ontem ? Por causa dos bêbados faz-se uma pausa na terra. Os tenentes de escopeta ameaçam os vagabundos, e as mulheres — quando os avistam na praça, fogem, gritam e adoecem, têm filhos de sete meses; — só as crianças os cercam no caminho cambaleante que leva à fonte dos risos e aos países da inocência.

— Senhor Rei, perdoai os bêbados de Efraim ! —

— Mas êles são saltimbancos : entraram na sacristia, beberam vinho da missa e água de Refadim e salmos alcalescentes.

— Senhor Rei, perdoai os bêbados de Efraím ! —

— Mas eles são feiticeiros : seduziram rapazes e raparigas, se sentaram nos altares à altura de meu trono.

— Senhor Rei, perdoai os bêbados de Efraím ! —

— Mas eles são salteadores : dos cabelos da noite fizeram cordas, pularam muros do céu. —

Ai ! todo o sangue dos bêbados está nas pétalas. Olha a corôa de nossas cabeças : como no tronco das laranjeiras desabrocham as orquídeas cruéis.

Há um vento inclemente para tôdas as rosas, para cada corola uma palidez. — Mas ai ! onde uma palavra para cada silêncio ? Onde uma mulher para cada noite ? Para nenhum terror o regaço materno. A ninguém diremos : — “és meu irmão — leva contigo a metade de minha herança”.

Nossa herança é o cadaver de todos os perfumes nas narinas dos ídolos. Lançamos ao fogo o feixe de nossos dias : — o fantasma — dos clarões levantou-se e dos clarões morreu, — o minuto apenas da assustada contemplação de nossos rostos. Quem poderá sonhar das cinzas

a esperança de um cravo ?

Tôda cinza é amarga. Nós viemos do país do desespero. Os faunos e os eremitas se espantaram e fugiram — tôdas as vinhas são hoje dos bêbados de Efraim. Somos bêbados — que podemos senão distribuir ódio aos homens, riso às creanças e às mulheres o voluptuoso terror ? Somos bêbados, mas

quem resistirá contra as noites de azul ?

E o ceu azul e as estrêlas azuis e o silêncio azul dos violões lá fora

esperando ?

Que poderíamos contra a lua e os anjos ?

E as alvas flores do mar e as verdes flores do mar no seio do noroeste ?

Nas montanhas de agosto, nas praias de ouro, nas estradas de prata — ai ! cavalgadas reais, ai ! países suspirados — suspiros mortais da vida — noivas presas nos castelos ! — Ginetes de França e Espanha — ginetes mouros morenos — ginetes de Portugal — ruivos ginetes barrocos da Pomerânia, ginetes, pelas estradas cheirosas, pelas caladas estradas — ginetes — comemos à lua a carne de nossos cavalos baixos.

— Estrêlas, bocas de freira : — quem contemplará impune a nudez dos ceus ? quem sustentará os olhos sob os astros amea-

çadores até o instante perpétuo das respostas ? Quando as chicotadas do mistério cruzam o rosto dos contempladores — quem reconhecerá a face que foi pálida e serena, prisioneira dos grossos vergões da cicatriz ?

Ai dos bêbados de Efraím ! ai da velha flor de seus olhos ! ai das fontes sugadas de orquídeas !

Os rios do exílio são salobros. Suas ninfas enfêrmas. Ai ! cabelos fluviais de Raquel, cabelos marinhos de Léia, trigais de Rute e Mara e Míriam — as que dançavam e riam, as que floriam ao vento — quem não há de cair, beber de novo ? — beber não para cantar — beber para chorar e mendigar, beber para esperar no silêncio que o silêncio morra, e tudo volte, como um perfume, dos mistérios em flor.

Ai dos bêbados de Efraím ! ai !

I'elas noites, pela lua,
pelos anjos, pela música,
perdoai os bêbados de Efraím.

Pelos aromas do mar, aromas cruéis de ontem,
perdoai.

ELEGIA DA ALGA DE JONAS

"A alga se pegava à minha cabeça".

(Jonas — II — 5)



NAVIOS da Royal Mail. Cáis do Rio de Janeiro. — Quem me conhecerá de cabelos oxigenados ? —

Senhores cônsules: — enchei de flores o passaporte de Alexis Ivanovich, profissão — turista, cabelos — louros, olhos — aterrorizados e ouvidos — em fuga. Sinais característicos — uma chaga no coração. Todos os portos, menos a ilha de Patmos, senhor Cônsul.

Alexis Ivanovich dançando nos cabarets malaios. Chinesas de

latão leve e em Murmansk bebendo o vodka e a noite. O sorriso cortês da polícia de Espanha, Hamburgo, Istambul. Debaixo das flores do passaporte de Alexis, o louro, o cadáver de Moacir, o moreno, bulia.

A mala era uma geografia de hotéis assírios, estradas de ferro, companhias marítimas e aéreas. Inglaterra, Los Angeles, Berlim, Babilônia, Paris, Tiro, Sidon, Kamakura e Pompéia, Buenos Aires, Bilbáo, Roma, Florença e Pequini, Europa, França e Bahia, aldeias do Congo Belga, Singapura e Palestina y pueblos de Chile y México. Mapas, mapas, mapas, nos camarotes, nos music-halls, na catedral de Chartres, em Traz-os-Montes, em Guaramiranga e Crateús, mapas, Bedeker e Agência Cook —

e a ilha de Patmos, branca noiva real,
harpa e pomba degolada,
suspiros e suspiros e suspiros.

Altas ondas de lágrimas quebrando-se no casco dos navios,
ventos floridos se despetalando nas asas frias dos aviões,
flor de soluços se abrindo,
ó Flor de Oro Trujillo,
Santo Domingo e Manágua,

morenas de Guatemala,
portorriquenhas, cubanas,
creoulas do Haiti
e cavalgando andorinhas, gaivotas e peixes,
a ilha branca e nua.

Onde eu plantei o meu amor,
enraizaram-se os punhais.

Todo amor é ciúme e o ciúme é abismo e chama e a grade dos
calabouços é de serpentes em pé.

Quem tem mel no céu da bôca, tem as abelhas na língua. Senhor
Cônsul, um carimbo para a cidade de Ghaza: vou comprar minas
de petróleo na Filistéia !

Pálidas girls dos night-clubs da Austrália emergem da bôca
dos saxofones cantando os blues do Apocalipse. Os seios dou-
rados das alagôanas madornam tangos do Rei Daví. O caba-
retier de voz hebráica e sandálias roxas conta a anedota cruel
do Gênesis e anuncia um patético dueto entre Salomão, rei dos
judeus e Belkís, Rainha de Sabá. (A Rainha de Sabá vem fu-
mando uma longa piteira de âmbar e talvez seja uma lânguida
creoula de Asunción del Paraguay). Formosos hermafroditas,

prostitutas imperiais. No mar — abrindo a rosa que cobre o verde ventre das águas, Vênus Urânia, Vênus Calipígia, gargantas de esmeralda feminina, quebrando-se em agulhas de vidro aos meus ouvidos. Olham por tôdas as frestas com pupilas de mercúrio: — são cães policiais ? são eunucos do sultão ? são detetives ? são anjos-da-guarda ?

Hoje e sempre, nua e nua a branca ilha de Patmos, noiva grega.
A lua dorme na areia,
a lua cai de joelhos
beijando o pêssego de ouro
que amadurece o seu sexo:
branca noiva sempre nua,
olhos nas pontas das ondas,
gritos de ângulos agudos
no ar de finos floretes.

Tuas praias são cheias de sepulcros
de teus amantes.

Na ponta de teus seios,
na margarida do sexo,
côres de flauta e de musgo,

coleios de olhos safira,
riso de língua e de gélido
afiando os dentes das cobras
no ninho de morte branca:
teu seio — nó de serpentes,
morfina e morte enrolada
no lenço de malva e creme.

Os amantes da Rainha têm que dar filhos ao Rei.

Os amantes da Rainha são prisioneiros do Rei.

Teu amor é cruel. No pomar de teu corpo, carcereira, prendes
os tresnoitados e ai ! quem sairá jamais de tuas alcovas
maduras ?

Tua lua

de mel e morte.

Corta o lírio dos lençóis mornos o estilete de platina. Todo amor
é mortal. Ao beijo da entrefechada pálpebra
abre-se a rosa que esconde
o negro ôlho da morte
rosa e negro.

Capitão, não entres no mar da Itália, não entres no mar da

Grécia: aquelas ondas são cheias de seu perfume — e a sua voz, pendida daqueles céus.

Quero é as mulheres de cêra — e os pássaros de seus pálidos corpos e os gatos da madrugada no leite da via-láctea, flores de sêda e papel das noivas dos marinheiros. — A noite é cheia de emboscadas.

Os anjos da Rainha vêm na treva e eu tenho medo: —
quem sairá jamais de tuas alcovas verdes ?

Eu tenho medo do amor — árvore de luz e carne — e sombra de sepulturas — ciúme de espôsa e puta,

sedenta :

eu tenho medo da noite, medo de tí e de mim, medo dos desmaios brancos, medo da vida e da morte.

Uma parábola — talvez um logaritmo — de luz fluvial dilacerou o vento, as latitudes, as longitudes, num riso imenso de ódio, com dentes de algarismos mordendo o lírio. Na feira de Hong-Kong um chinês se suicidou e no Cairo um prestidigitador ficou com a mão para sempre no ar. O milagre de sua mágica era agora impossível e ansioso. E êle ficou sorrindo beatificamente entre o milagre e o embuste. Os climas marinhos alimentavam os puros cabelos de Alexis Ivanovich. Um barbeiro, um barbeiro!

Dalila também serviria. Sob o falso ouro crescia um musgo verde-escuro, um musgo-sêda e os dedos de Alexis, o Louro, estremeciam alisando os cabelos vivos de Moacir, o Morto. Fremía-me nos dedos uma coisa de aurora.

Em tórno à verde coluna de substâncias noturnas
de ilhas, malvas e sexos,
o vento e o mar trabalhavam torneando o corpo
da Rainha de Patmos.

Como punhados de farinha, joguei os dias no ar: no suor de
minha pele eliminei as viagens, os capitães de navios, os pilotos
aéreos e as cidades. Gira-me aos pés um território redondo de
espelhos sugerindo
o prestígio e o equilíbrio
de uma geometria central.

Já dentro de teus olhos
meu impalpável rosto
de cinema ou de sonho.

O pecado era uma missão como as outras. Doloroso é administrar lágrimas às noivas, rir da máscara de insuspeitados deuses, do fundo do mar sentir os navios de tôdas as nações, sôbre a nossa cabeça navegando.

Danças no centro da esfera. O vento abriu-me as mãos. Cordas

de harpa acordaram-me os dedos. Ai das Julietas de balcão aberto à lua, ai do trovador que dormia na hora da serenata, na hora em que o olhar da ansiosa amada é um peixe nadando entre os cabelos soltos, em que os peitos são nus, de encaracolados aromas, quando um único verso revelaria as árvores e as pedras. Beijo a raiz dos punhais e ostento a minha máscara: onde te amarei senão no palco ?

(Ora, o passaporte falso era o autêntico. Deu-se ainda que depois do cinema os sábios ficaram examinando a parede onde os galãs se apaixonaram e o jardim onde Loretta Young e Rita Hayworth se entregaram. E nós tínhamos em nossa cama, tôdas as noites, os peitos imortais de Rita e as maçãs do rosto de Loretta.)

Branca rosa de Patmos:
nos meus olhos dealba a tua face,
nos teus olhos lacustres desabrocha a minha
e aí apenas somos.
Somos ?
Não é antes a esperança de que um deus noturno venha morder

alguma estrela? Que há mais do que êste teatro, esta suspeita?

O amor já o estamos alimentando com suspiros.

Mas ai ! do ventre da Virgem Maria

não nascerá

um outro

Deus ?

ELEGIA À MARGEM DOS
RIOS DE BABILÔNIA

"Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?"

(Psalm 136 — v. 5)



ROUXINÓIS degolados no sexo das viúvas.

Não virá a morte antes do fim desta elegia ? Não será sua esta
mão que se diz da saudade ? Nenhum canto é mais alto que o
dêstes alaúdes pendurados aos salgueiros, sôbre o rosto dos can-
tores mortos balançando

a sua sombra e o seu silêncio.

Uns morrem de tifo, outros de lepra,
eu morro de poesia.

Meu Cristo é nu à margem dos rios entre os deuses de Home-
ro, vestido apenas pelas suas chagas onde eu examino como um

sábio forjador de sabres a qualidade de meu aço e ouço o rumor das carnes cortadas se cicatrizando.

Tomar nas mãos o coração e a navalha: fabricar uma chaga e na chaga uma bôca e na bôca uma única palavra — talvez tardia ! Depois a agulha de um doutor costurando a inútil incisão. — Ai ! cantar como as chagas de Cristo o heróico amor. — E que voz é esta que nos proíbe o sono e golpeia a porta e não parte e não chega ? — Como uma bailarina petrificada a quem apenas resuscitaram o ouvido, o homem tem cuidados químicos a recolher em ânforas o aroma de uma rosa,

— esquecendo-se da noite, a perfumada noite, creoula e sândalo. Os mastins atravessam florestas a buscá-la com o faro em flôr — e nós — sôbre a fôska essência de seus seios — caímos embriagados. No entanto, não foi lá que nascemos ? — Há um gôsto de seios no paladar dos tristes e dêle vêm seus cantos ressumando. As mãos ? Se os dedos tornam-se amararelos e o vento os leva como folhas sêcas — que nos resta senão esperar à sombra dos salgueiros — e morrer de saudades — e chorar ? — Ai ! filhas de Sião ! Judías de olhos amargos — que morrestes pedindo — uma canção ! Capitães estrangeiros que matais — pedindo uma canção ! — Cativos no país do cativo — assentados à margem das torrentes, punhal de solu-

ços na garganta, no moínho do coração as lágrimas moendo a
esperança e o desespero da volta — que canções cantaremos
senão a de nossos olhos plantados no horizonte, nos alaúdes sus-
pensos ? — Nossos olhos plantados

florescerão ?

Que outra missão nos resta, que outro asilo ?

Da pátria nada mais guardamos: sòmente esta lembrança e os
deacordos aflitos — e que mais poderemos querer ? — Nos-
sas mães penderam a cabeça sôbre os berços, conhecendo a
nossa face : a cabeça das mães, ó sêda em flor sôbre os jarros
de vime ! No tacto infantil de nossas mãos guardamos seus
rostos bem-amados. Depois lhes aplicamos máscaras espanho-
las : esta foi de Sevilha, esta foi Pompadour, Cleópatras de cí-
lios pesados de palmeiras. Esta foi baiana, esta foi açafata e,
qual delas foi a que recolheu nosso primeiro olhar ?

Só pendurando aos salgueiros nossas cítaras até que nossas
mãos percam a aspereza e à fina pele dos dedos volte a sensi-
bilidade dos recém nascidos e dos cegos. (Resta sempre a amea-
ça da mentira de Jacó).

Não ! na terra de Edom não cantaremos canções ,
das de Sião.

Se eu me esquecer de ti, Jerusalém,
quebrem-se as minhas mãos como cântaros efêmeros que mo-
delaram água,
se eu me esquecer de ti, Jerusalém.

— Môça de largo chapéu e véu no rosto quem te dirá teu nome?
Sabem-no acaso as alcovas onde dormes, o quarto onde te ba-
nhas e os teus lençóis e as tuas brancas roupas tão cheias de
teu cheiro ? (Quantas vezes — como quem perde um velho anel
de casamento, nosso nome perdemos, e apenas fica ao redor do
dedo a cinta de uma clara sombra).

— Môça de largo chapéu e véu no rosto, no momento em que
cruzamos na rua, do olhar como um relâmpago em céu de agôs-
to, me lembrei de teus dias outrora insuspeitados: não sou mais
o filho de minha mãe — sou um gato budista de patas cru-
zadas à cabeceira de teu sono, sorrindo ao fundo de minha falsa
postura e ao amor que te alimenta a bôca.

Jerusalém, Jerusalém ! não somos mais os que florescem em
tuas colinas, os que dormem com tuas filhas, os que dançam a
dança de Miriam diante de tua Arca, de teu Templo e de teus
Anjos !

Somos os profetas cativos. E tuas próprias colinas, tuas hebréias
castanhas, tua Arca e teu Templo — existirão ainda ? E teus
Anjos, Jerusalém, e tu mesma, lírio de cal e arroio prometido,
Jerusalém, Jerusalém,

serás mais do que um nome ?

Rouxinol degolado na bôca das viúvas :

Serás mais do que um nome ou uma orquídea ?

Já não estão os alaúdes na carne dos salgueiros como se fossem
seus frutos ?

Os próprios rios de Babilônia me pedirão um cântico
dos teus —

mas eu só morrerei quando
os instrumentos caírem de maduros
sôbre alguma pedra, perguntando
se a música de então
foi das cordas rôtas
ou
das pedras.

ELEGIA DE SUZANA

*"A beleza te seduziu e a paixão
perturbou teu coração".*

(Daniel — XIII — 56)

*"... uma mulher chamada Suzana, de uma grande beleza e
temente a Deus".*

(Daniel — XIII — 2).



COMO de um ôlho cortado ao meio — o fruto de um mergulho.
Da aberta pupila Suzana emerge: eu ví o lago apunhalado desde o fundo, ví o lago morrer, a última onda circular e desfalecer em tórno às grandes pérolas de seus seios — ví Suzana sair do banho, o corpo ainda verde de água — úmida alga castanha à flor do ventre —
no ondular do cabelo a ondulação das ancas.
Espada de ouro e cristal — partindo a fruta da terra em duas bandas : e do sabor da polpa — Suzana nua.
O mundo está dividido entre os que viram Suzana e os que não

viram Suzana. Não sei se chorarei sôbre os que a contemplaram
— ou sôbre os outros.

Às vezes um instante se desprende da órbita do tempo como um
meteoro. e há instantes longos como a badalada de um sino —
ah ! o eco mortal do olhar da passageira no coração de um po-
bre à beira-cáis — instantes que caís como sementes e
só germinareis na sepultura.

Estás sempre lá. São os adolescentes nos estádios e nas piscinas,
nas feiras de meu país tropical, sôbre o ouro selvagem das laran-
jas e o ardente aroma dos ananases — um gnomo. Numa velha
cadeira, num muro antigo, com um lenço morto enxugas a fronte
e acenas e as crianças murmuram orações sem nexo. Sob cerra-
das pálpebras, nos olhos negros tremes, na alcova das prostitutas.
No pão partido sôbre o linho

no ar —

nas árvores que debruçam no rio os braços das grandes negras
extáticas —

na água —

na alegria do caçador tostando as corças cheirosas —

no fogo —

na rebelde humildade das serpentes que se rojam

na terra —

e aí de nós que te vimos e sorrimos aos deuses em resposta —
alegres como os marinheiros que pilham as nativas da ilha —
ferozes como os marinheiros que cerram os dentes de ciúme —
tristes como os marinheiros que partem —
somos contigo os Tristes, os muito Tristes.

Serás tú a Musa ? Quando vou ao teu corpo, volto com as mãos
cheias de rosas — e de tua boca — volto com os lábios úmidos.
Me apalpo nu frente ao espelho: os olhos são macios como lírios
e os dedos encontram na pele violetas de lepra.

Teu alegre corpo e teus cabelos escorrendo água e dor. Que fazes
com tuas mãos elípticas — pequenas para ocultar teu seio ?

Descubro de repente um território — alguém apagou as frontei-
ras — entre a Alegria e a Dor. Talvez seja o cemitério e tu ape-
nas a que emerge dos túmulos.

Serás tu a Musa ?

Sempre nos julgarão e nos degolarão por um hálito de adultério
ou de incesto. De ti — aí ! sempre nos penetra um frêmito de
medo e de lascívia: ninguém sobreviverá à sua missão — no teu
jardim colhemos a última flor e a morte. No ar a marca de teu
braço —

tua única saudação é de adeus.

E florescerão os réquiems e as margaridas da sepultura em su-
frágio nosso ?

Serás tu a Musa ?

...e se não tivesses vindo... mas não : tôda esta espera furtiva
entre as árvores não teria existido.

Suzana, lírio e mulher — corpo de lírio e absinto — que te go-
teja dos olhos — que molha tuas palavras — Suzana, que ba-
nhas e perfumas os seios nas minhas lágrimas — enches de
risos sacrílegos a muda cela dos monges — e cinges túnicas
castas ao meu mais leve rumor. E eu não sei se é destino. Quem
dirá: minha viagem é finda, nesta aldeia celebrarei minha festa
e tranquilamente contemplarei as estrêlas e as mulheres ? — Tu
tens o ar de quem veio dêsse país :

Serás a Musa ?

Sei que despovoaste um reino e encheste de assombrações as
velhas residências.

Tôda pureza é fúnebre.

Os salões desertos são trêmulos de treva, quando a um canto,
numa jarra esquecida, um bouquet de açucenas fosforece.

(Por que não evocaremos um adultério ? A sedução é mui-

to humana — e onde nasceu ? Viriás: pelo vacilante lar, o lírio no corpo das serpentes não andaria melhor à ondulação da valsa e do setim.

Longamente esperar-te. Longamente abrir-te os braços e longamente abrir-te o peignoir para vestir-te rósea túnica de beijos: teu corpo empetalado e um punhal de vingança fincado à porta).

Ó gloriosa morte dos adúlteros desabroçada do amor e da beleza — no perigo !

Bemditos aquêles que, escravos e senhores de seus desejos — construíram sua própria volúpia e sua própria dor !

Agora entremos no atelier de uma triste escultora: pernas femininas abandonadas, pernas amputadas apodrecem no gesso.

Aspiramos: é o antigo perfume das formas —

já senti isso deante de muitas rosas enfermas, quando o amarelo e o ruivo das corolas empalidecia como voz que se afasta. Somos ajoelhados e atentos : no ansioso silêncio é que aguardamos o nascimento das linhas. A tristíssima artista comporá um sorriso imortal e uma augusta sombra de mulher verdejará à luz do atelier na paisagem barroca:

será talvez o fruto e o fim da esperança ?

Suzana !

E quantos adormeceram e quantos e quantos e quantos...

e quantos — e

quantos.

O castigo. Aquêlê instante irá pausar a música do inferno e ao solfejo das flautas — hábeis demônios se empenharão no fabrico de violinos. Com êles também jogamos. Jogamos moedas de sangue: tudo está em possuir a Musa.

Então o Apocalipse acontecerá diâriamente e poderemos dizer com tôda a humildade:

“eu sou personagem do dramaturgo de Patmos”.

Serás tu, Suzana ?

Serás a

Musa ?

ELEGIA DAS HORAS

*"Aeterne rerum conditor,
Noctem diemque qui regis
Et temporum das tempora
Ut alleves fastidium".*

(Breviário Romano — Hino de Domingo "Ad Laudes")



PODERIA ser um corvo em minha omoplata, mas
é um anjo sem aniversários.

Como o cão fiel à mão do caçador, um carinhoso Prometeu ceva
o abutre. Música de pianola mecânica, nomeação no Arquivo
Nacional, algarismos paralelos e sem poeira de um exército co-
varde e diabòlicamente sábio, batalhando na poeira das biblio-
tecas a ciência das academias militares: são manobras oblíquas
de anjo mongol destruindo as salinas cearenses onde as morenas
adelgçaram e perfumaram a voz. Que fizeste das mulheres
de voz de sal, modulada pela maresia, ao aroma da cantiga dos

salineiros ? À tua sombra é o monotom do mar e o mal do mar.
— Chegam lords ingleses. Se instalam no belveder do Palaco Hotel, deante do mar noturno, beijam o whisky gelado folheando álbuns filatélicos e queimando nos isqueiros soluços inefáveis e longas cigarrilhas. Lembrai-vos do Czar, da Russia imperial, meretriz de olheiras azuis bocejando entre arquiduquezas pálidas.

Fenômenos crepusculares nascem murchos, cobrindo a enfermaria do presídio com um aroma baixo e neutro. A enfermidade é provisória. Condessas e proletárias prevaricam como nos livros e tudo é falso. Para que os belvederes marinhos? Ninguém comerá as pêras magras e os seios escassos das virgens inúteis.

De um árvore sem nome o fruto podre das semanas — pende.

Da fronte dos agonizantes ou dos músculos dos escravos, talvez como um suor — a poesia venha. Não a encontro e não a busco — e ela pode chegar. Destruídos estão os meus esconderijos. No traverseiro de minha carabina — não durmo. Há um cubismo patético em nossa bôca, fechando a trágica flor dos logaritmos. Consumidos estudantes definharão cochilando e matemáticos ilustres serão empoeirados pela traição das espôsas e tudo se agitará na angústia

da pança barroca de um único demônio.

Somos convivas do banquete das cinzas, escravos de uma gastronomia redonda com proibições de embriaguês. Áulicos, mordomos, senescais da corte, desenvolvem um ceremonial pedante. Não quero nada desta vida, meu Deus, meu único desejo era que alguém enlouquecesse na sala e de repente queimasse à pistola meia dúzia de convidados. E' o desejo mais ardente de minha vida — cometer um crime e dormir com ciência de detetive.

Estudarei minuciosamente minha carteira de identidade e o certificado militar : "conhece-te a tí mesmo". A impressão digital, negra, monstruosa, lembra cabeças guilhotinadas e desperta uma angustiosa anedota: ponho em dúvida o documento da certidão de nascimento e me torno pálido — pálido — pálido.

Vulcano, o deus perjeta e o paralítico Cronos batem-se em duelo com podres armas e os fragmentos me atingem. Cronos é um velho caracol em seu escudo, Vulcano — o perjeta e nada mais -- a não ser as mentiras de Homero e Virgílio. — Jack London, Marco Polo, Dante Alighieri e outros aventureiros internacionais apresentam-se ao lord inglês no Palace Hotel e lançam o estatuto de uma sociedade de globe-trotters. Entretanto alguém percebe a teoria dos aventais holandeses na barriga dos queru-

bins e revela o velho leque de minha avó: há ameaças de radical lirismo, a sociedade se dissolve — e a minha avó irônica, com seu leque birmanês, abana os seios de outrora, com movimentos em flor que desgraçaram meu avô. Que resta senão uma experiência nas galés ?

Há uma notícia animadora: uma quadrilha de anjos acaba de estabelecer clandestinamente o lenocínio no céu. As santas virgens ficaram arrepiadas — mas não haverá uma cumplicidade com os apóstolos e outros marquêses do céu ? — Profanação mais horrorosa é o levantamento de mosteiros e catedrais no inferno, onde o suplicio dos sinos daria morte lenta aos condenados. E eu faço e eu

não morro.

Todos ficamos sabendo que os dias são de carnaval e as máscaras antes sinceras são agora concientes da mentira. O encontro de um verso no mar — seria um salva-vidas. Mas quem viverá em praias pluviais à beira do Mar Morto ?

Uma simples traça no meu mapa enguliu as ilhas da Dalmácia, o reino da Croácia, os arquipélagos do sul — e sobretudo — oh ! sobretudo — o Peloponeso azul e os seios do Mediterrâneo. Resta a rosa de França, resta o louro de Inglaterra, resta o limão das Espanhas, resta a gótica Alemanha, resta o cravo da

Bahia — cravo é canela, Brasil — o trópico, o perigo da insolação, do barroco, das palmeiras, da morte e do amor. — Viaje o mundo em mim: serei o eixo da terra, real e imóvel — apodrecendo.

(Vivemos post-coitum — e há sempre a perseguição de uma obcecada mulher nua. Dorme em seus quadris um ritmo de oração, e o aroma das pernas obedece aos seios. Gata branca se espreguiça no meu coração. Alegria de cadelas cobertas e cães dolorosos post-coitum. O pecado! As prostitutas são as mais humanas e mais belas e — que expressão é mais inocente que a daquelas que se deitaram à porta de seu bordel, para dizer: “não posso mais!” — Então é a hora dos anjos e a vida é apenas cinza que suas asas espadanam.)

Ficar de mãos em concha num confessionário, colhendo os pecados com ambiciosa economia. Estabelecer a vida numa teoria de cores, e tombar diante do amarelo na morte plástica dos que morrem de fadiga. Cansar — morder o perfume das laranjas que caem e não se embriagar. Morder as grades de um calabouço, pingando na memória a areia das ampuhetas. Envolto na fumaça do cigarro, o coração é o Anjo neutro, Niemandsland

exausto — envoltura imortal do corpo enfermo.

Uns passam sem saudar o solitário. Outros tropeçam no seu corpo de árvore abatida. As formigas fizeram caminhos em suas veias — e bastaria uma palavra para eu dizer quem sou. Um gesto — e os sapatos abandonados e as cadeiras ausentes teriam de novo um ranger de alegria. Do íntimo das mortalhas os lençóis de linho rescenderiam aos seios de alguém — rolando como olhos nas pupilas. — Um gesto bastaria — mas aí ! — minha amargura de homem pacífico e saciado nutriu sua substância de chumbo com páginas de livros — e a paz é só um capítulo sem nexos.

Os guerreiros — êstes sim —

caninham para a morte

e são fortes

e vivem

e a êles seria belo unir-se e celebrá-los e saudá-los:

não estarão os meus braços exaustos

de não saudar ?

e a minha boca amarga

de não cantar ?

(A mulher nua que me persegue e me suplica com

tímidos pássaros arquejando no ventre, ensanguenta
na boca os punhais tristes. Ai, os lírios de lírio ! A sua
carne branca e doce e as codornizes de abat-jour ar-
rulhando à luz macia e morna de seus seios. Quem sabe?

As minhas mãos estão pesadas
de não fazer carícias
e a minha boca é amarga
de não beijar.

Darei meu reino para ser ela — e do alto de uma janela iluminar
com os olhos a concupiscência de meu prostíbulo.

As prostitutas são fortes
como os heróis são ternos.

O Anjo do Tédio, o impassível Mongol, consulta seu coração de
relógio.

Amargamente cai o dia e
a noite
cai ?

ELEGIA DAS FILHAS DE LOTH

*Vinde, façamos que nosso pai beba vinho e vamos deitar-nos
com êle, para que possamos conservar a linhagem de nosso
pai .*

(Gênesis — XIX — 32)



UM SÔPRO — derruba a engenharia das crianças na areia
e me enche os olhos
de areia.

As crianças de mãos marinhas, tão lavadas na chuva, tão lavadas no mar.

Em seus dedos não murcham flores: elas manipulam ingênuamente o seu milagre. E nós? — Se a nossa sêde fosse pura, o copo de água não nos tentaria. Em cada desejo uma tentação, em cada tentação um pecado canta.

Olhos plantados sôbre o berço vazio, olhos plantados sôbre o

berço ardente, olhos ardendo sôbre o berço em flor, olhos floridos se frutificando.

Filhas de Sodom
Nunca ouviremos a voz de Gabriel, porque — ai de nós ! — os homens e as mulheres se conhecem demais. Quem terá fôrças para a dor humilde e casta de José ? De seu orgulho morto as mãos se ergueram e ao perfume do mistério longamente alisaram o ventre da espôsa : — êle amansava e aceitava o seu Deus. Que nos resta senão largar o nosso manto à mulher de Putifar — deixar que murche a flor cortada às mãos da adúltera — ou pecar mais ?

F'or que nos abandonaram nas enluaradas montanhas ?

À beira dos lagos o vento agita as nossas vestes e nossos cabelos crescem selvagens como perfumes.

Ai, vivo país da noite ! — As estrêlas sôbre as águas — e os longes lagos do ceu — e o vento — que sopra e canta e perfuma — a negra flauta encantada — que elas guardaram no sexo. —

Ai ! Por que nos abandonaram nas enluaradas montanhas ? —

Geme a flauta noturna e quem não geme ?

Na flor da laranjeira os frutos de ouro marulham :

(As filhas de Loth são naturais de Sodoma, a cidade que se esqueceu de Deus. Mas Deus não se esqueceu de Sodoma. En-

tre a mão de Deus e a mão das crianças, as quatro mãos das filhas de Loth são coqueiros ao vento, num esoterismo de desgraças verdes).

Rôta é a luva da noite. Sangram uvas nos dedos. Mulheres de largas mãos no ar — açoitando e pedindo. O céu é roxo e convexo — no ventre das duas filhas — as abelhas fazem mel e ferroadas. Ai ! velho Loth, as fêmeas são dulcíssimas — e o mel é como o vinho. Macho frondoso como as oliveiras — as mãos de tuas raparigas onde as pombas vinham comer — em tuas entranhas mergulharam. Ai do sangue das loucas — ai do cio das bêbadas — na tenda de seu pai !

Sinto um rumor de mulher se despindo e abro figurinos de Paris : são elas.

Tenho um dente canino e longo as espiando — e rasgo seus vestidos estampados. — Quem conhece o sabor da sêda ! — Quantas vêzes, uma por uma eu as vi nuas, as estranhas mulheres dos figurinos : meretrizes e marquesas de longas pernas e cintura fina. E os nomes que elas têm !

Nunca contemplaremos as mulheres sem um alvoroço de criação : e fazemos mulheres do mármore e da luz e do perfume e

do ritmo e das flores — e com elas nos povoamos

e tôdas elas são sacrílegas :

em nossas mãos amadurece

o sacrilégio de seus ventres:

só a criação das flores é pura. — Não seremos deuses ? — per-

guntamos ao ouvido de nossas amantes — e elas respondem

com o pássaro do sexo arrulhador. — Da mentira colhemos o

orgulho e do orgulho a lascívia e da lascívia a maldição de nos-

sos pais e a vergonha de nossos filhos : — então já não sabemos

se ouvimos ou clamamos :

“Michael ! Michael ! Michael !” — nas quatro paredes da alma :

“Israel ! Israel ! Israel !” — É a nossa voz ou é a deles ?

E no entanto, tudo é tão simples : — um olhar, um gesto, a

música. O amor dos inocentes se confunde no viço dos pesse-

gueiros carregados.

Na cabeça da bem-amada a borboleta branca se levanta. Talvez

uma teoria de borboletas, como laços de fitas em cabeças altas,

nos libertasse — adelgaçando as mulheres e as estátuas.

Com um material de borboletas trabalharíamos

cuidadosos, precisos e elegantes.

Há maridos que se tornam meigos e carregam nos braços a es-

pôsa nua e doce como um filho: conheço finas hipocrisias e segredos de sangue e procedo a teoremas no gabinete onde gotejam as sete torneiras e as sete mulheres de Barbazul e os cinco dedos de Onan. Há também campeões olímpicos que jogam tennis e basquetebol com os seios das mulheres. Mas ai de nós se não guardarmos em nossas mãos um asilo para o peito de nossas concubinas ! Seus ventres são ansiosos, em estado de flor e não basta o amor : elas abrem trágicos lábios. Torcidos e amarrados ao seu dorso choramos : — elas se cavam caminhos ao nosso coração, com requintes de desnaturadas manicures. Não basta o amor e nós não nos bastamos — e pedimos a Agar que venha parir nos joelhos de Sarai — e nossas concubinas são trezentas : — esta é

a de boceta pequenina e azul,

esta é a de boceta verde,

a de boceta rosa

— e ao seu perfume desmaiei mil vezes ! —

Bocetas coloridas : esta é loura, esta é negra, esta é ruiva, esta é castanha,

esta é uma flor de vinho — e ai de mim que a bebi e morro bêbado ! —

Bocetas de ouro e prata de matronas adúlteras — suntuosas

donas de carne crepuscular — italianas que eu chamei Assunta ou Leonarda; — e vossas filhas ! — Vêm senhoritas de longos brincos e penteados raros — e eu as vejo num melancólico garden-party, ondulando entre samambaias amargas, os vestidos de soirée, os ciúmes, os desejos e os peitos escandalosamente adormecidos.

Pendem dos balaústres — mãos pesadas como orquídeas. (Das unhas de ouro — goteja polen). — Sei de ladies inglêsas que se deitam nuas ao luar e têm carnes de jade, e nos seus verdes ventres

dançarinos morenos agonizam
e ficam como flores à bôca das fidalgas.

As mãos dos oleiros são cobertas de barro e curvas como jarros
mas o tacto de Deus floresce em nosso rosto.

Prevaricamos. Demônios povoam os ateliers e mergulham no mármore e emergem das tintas e degolam as flores e ai de nós!
nossas filhas nos embriagam sôbre as colinas.

Das mulheres fazemos anjos e
sob as asas dos anjos apalpamos
frêmitos sacrílegos de seios.

Pavor de profanadores :

— cantaremos um dia sem pecar ?

Nos trêmulos ventres

das filhas de Loth

o ritmo do pecado

germina.

ELEGIA DA DANÇA



NA ORELHA fria dos lírios
de cabeça ao vento e à lua,
não eram brincos de jade,
não eram rosas nem sombras,
eram mulheres dançando
ó dançarina!

Corpórea floridez de cedro às mãos do marceneiro
degolado no címbalo com sombras
de fitas no ar.

Lutam dois beijos por uma boca.

lutam dois sopros por uma flauta.

Meu coração é fruto e flôr na palma da mão :

ai! beija-flores de panhal no bico,

tainhas de arminho dos punhais em pranto

na carne clara das lâmpadas.

O sono dos navios nas baías,

a poeira dos areais ao vento

despertando e morrendo

numa ondulação de longas saias rodadas

e babados sôbre tornozelos de ouro

dançando.

A vida nestas horas!

O ritmo das cascavéis em pé e

as cobras de coral —

milagre de maçã nas prêsas finas

e os braços de Eva

e o dorso de Eva

e as ancas de Eva

e o ar e os passos e o silêncio

de Eros —

salto de Adão no abismo

— rodopios rodopios —

a vida nestas horas!

Há o primeiro gesto e o êxtase,

números—

da sétima flôr o sétimo céu,

dos escarpins de prata o lírio,

— Akinetés —

e nada mais.

prestígio de raça tropical com seus morenos gestos

— on danse toujours —

Toute présence est celle des capresses indolentes

toute voix — de violon blessé — un perfume a linguas paganas

a dialectos de una Espana mora en boca de gitanas y nativas de
las islas inglesas.

Bálsamo verde escorrendo no peito e nos quadris

das creoulas esguias —

modulação de pele feminina : — on danse toujours.

Não vês? Da raiz do coração o gesto das crianças

desce o braço, o pulso e

o movimento morre e no ar plástico
a pequenina mão gravou no gesso das pupilas
o que não passa mais.

Se erguem fôscas mulheres
dos frascos de perfume ?
no teu rosto a carícia
de uns cabelos castanhos
roçou — talvez roçasse?
Dançavas. —

Dançamos sempre, sempre recordamos
a saudade e o perfume quando
na página de outrora
de um velho e amado livro
sobre a marca de alguma antiga lágrima
deixamos resvalar uma lágrima nova: dançavas.

Alemães de velhos azúis amargando o exílio.
Dança de Prometeu no Leidland.
População de funerais: sòmente o morto com o liso frio de seus
cabelos
emergindo dos cravos amarelos

chega ao destino.

E celebramos inaugurações e a poesia é geral
e a face de Prometeu tem mil côres
e deante do trágico dançarino desfilaram milhões de noites e
êle não foi com nenhuma e a tôdas conheceu e
os pés de tôdas palpitavam
na mão de Akinetés.

Chegais em bando: as pernas amadurecem na penumbra e eu pergunto: —

sois vós mesmas, ou sois a minha embriaguez? —

Onde era o ar.

de súbito é

um rastro de asas

e do éco diáfana enforcada

pende Akinetés

como uma

uva.

Tem o vinho a linha exótica das bilhas.

Na minha taça encontro um sabor de mulher e
me entrego ao amor puro e ridículo dos bêbados:
dançamos sempre.

Quando o luar da meia-noite embalsama as alcovas
há um frêmito na morte azul dos edredons,
na profundez do sono um estremecimento de pálpebras e lábios :
as borboletas erguem-se das rosas
a lua dança sôbre as dançarinas e
sôbre a carne dos peignoirs que ainda mornos tombam
levantam-se e esvoaçam
e dançam ao luar
as dançarinas.

E noite alta e os caminhos são de aurora.
Um sôpro verde como um caule
sustenta a terra
— nas ancas das dançarinas —
deslisam pétalas e o perfume se dilacera
e com pêssegos na bôca
dançamos.

Há assassinatos de polichinelos e de títeres,
a vida dos gladiadores suspensa no polegar das vestais
e o silêncio com sua língua elástica de aço
joga na arena
um duelo mortal de límpidos floretes :
como de um ninho — do ar de golpes rendilhado — elas

surgem

numa aflição de pombas

esgarçando a neblina e

dançando.

Nos moinhos do oleiro os vossos corpos

giram.

Diáfanos e líquidos cintilam

os deuses que guardais :

um govêrno de luz se estabelece,

os corpos pertencem às sombras

e sem elas os corpos não existem —

quando os cadáveres entram no jazigo

ainda a sombra luta, e apegas as mãos geladas

no mármore

e dança.

-Alegorias de sapatos picados de abelhas

e colmeias de mel em pés de rosas.

Agílima alegria da língua — doçura! —

É um material de fogo ou de tristeza anunciando

as rosas de amanhã, cujo perfume já nos chega agora quando

dançais.

Dos rotos calabouços

os olhos partem:

asas rasteiras de pupilas no chão:

quem saberá onde começam os pés e as mãos terminam
das dançarinas?

E as côres dançam

e o vento dança

e o dorso dança,

dançam os seios e as mãos,

dança o rosto, dança o sexo

de Akinetés imóvel —

marulho e ritmo de água nova

fluindo. E a fonte

guarda a tranqüilidade extática da estrêla.

No coração do torvelinho

o sangue corre, o movimento empolga:

fixo aos pregos da cruz

Jesus Crucificado

dança a última dança.

O dilúvio acontece cada noite e

sobre as águas totais

a arca de Noé, a pomba da esperança
o maitre de ballet balança um ramo de oliveira,
o pássaro mensageiro adeja rente à espuma
e traz a liberdade e
dança.

Nada nos caberá. Substância de nada
que poderá um deus tirar de si senão a sombra e o nada?
Estas mulheres
de danças nuas.

Os olhos de Madalena sabem a leveza de pés dançando,
aos pés do Deus sangrento e dançarino
somos a forma de um beijo —
não somos nada
éramos ontem
a esperança desta rosa entrefechada
que do sol de amanhã espera a graça.

No côncavo salão pares de baile ondeiam
mulheres e anjos noivam
há um frêmito de frutas —
virgens nuas amaduram sonhando

entregar-se aos campeões de remo nas baleeiras velozes
dormindo. --

Quietação de marinheiros imóveis no convés dos cargueiros
andarilhos

a flor de fumo espiralada no cachimbo de cereja
as estátuas mais vivas do que nós
desmergulhando à noite em banhos de luz loura.

Loucura e morte das balanças.

Conheço a morte dos círios,

o fim de tôdas as formas.

As linhas de vossos rostos se acabando
como um fim de sorriso.

Últimas tardes da primavera!

quem guardaria para sempre o sabor de um beijo
e o arrepio de um braço que roçou
no seio de uma amante?

Ó bela como o fogo !

Ó pura!

Dançai nas águas do mar e no veludo da noite --
na orla azul das labaredas --

na palma de vossa mão —

Dançai.

No bico dos abutres

e no alto da Cruz

Oh!

— Belas como o fogo —

Dançai.

O OLHAR PARA O SETENTRIÃO



DO CALENDÁRIO profundo os cães chegam saltando.
molossos de língua parda e pata sonolenta
para sempre uivando, voltam para sempre, retornam para sempre e de viagem a viagem há um sangue fluvial
onde as abelhas bebem e as raparigas se afogam.

Quanto a mim não resisto e
mulher não sou: serei um pássaro de luto beijando
o ôlho das espingardas.

Esqueci se sou homem: faz falta certa música
— a sinfonia de gravatas e paletós azuis, a cidade comercial com
suas bíblicas vitrinas de sapatos e luvas e palpitantes anéis e cha-
péus e chapéus e chapéus e
o sorriso dos caixeiros e das caixeiras murmurando um gesto exa-
cto e dizendo-nos — Memento — Memento. —

Ser mulher fôra belo: ter os dedos tristíssimos e longos e no so-
luço das unhas uma côr sempre nova.
Ah! êsses vultos sem nome que trazem na ponta dos braços um
limite de margaridas e ciclâmens e
gôtas de amarelo e de louça e garrafas nos coqueiros da côr do
mar
em frente ao mar onde navegam
sôbre o dorso dos peixes
as etiquetas dos hotéis coloridos:
— orquestras de saias e bonecas e cigarros de ponta rubra:
Mulher não sou: teria hoje cabelos louros,
segunda-feira cabelos pretos e nos
domingos platinum blond —
de dia — verdes, de noite — azuis e
pestanas vermelhas e agudos supercílios.
A música faz falta: aquela dos pianos

minha carne entre os dentes dos pianos e
os cafés e as vitrolas e as breves despedidas,
circunstâncias de flores e alimentos e
telefones amadurecendo.

A empregada que servia o café e o corpo matinal
e bulindo no peito as pupilas azuis
entre um rumor de pálpebras e mel
sob as asas das borboletas nos agasalhava a boca
— atrás do reposteiro eunucos preparando o ambiente
inoculavam nos móveis um olor de mulher.

O sofá de veludo ondulava suas ancas tranquilas
e em minhas mãos tremia um pânico de larvas.

Meu relógio está podre e as ciganas falando em línguas estran-
geiras
fazem longas leituras em minha murcha mão.

Mulher não sou: se sou homem não sei;
lembro-me apenas que minhas mãos um dia
caíram.

Eu os vi e me lembro: na palma das mãos, como em bandejas —
êles

o próprio corpo e a vida carregavam:
era cômica e amarga a estranha residência.

Velho enderêço de antigas namoradas num
catálogo de telefones
perdido há anos.

A mim estas lembranças me carregam
e como os marinheiros em seus barcos e os cocheiros em suas
caleças

ali resido e já não falo de mim:

são listas da alfândega e balancetes de exportação mundial,
relação de saleiros com seus pulverizados lírios
no lago de uma nuvem, na flor de uma mulher, na flauta de um
retrato, no cheiro veranil das laranjas
amarelecendo.

Tenho mêdo das coisas e dos símbolos e
amo seus algarismos noturnos e solteiros:
falarei de perfumes e venenos e
do pescoço azul das brancas suicidas encontradas em
decúbito dorsal.

Sucessivamente irei dizendo coisa atrás de coisa
porque apenas ficou boiando

a poesia dos catálogos:
seu ritmo tumultuoso e ordinal
botequins e mercadores e policiais e uma antiga
cadência vespéral de endereços de amor.
Oh ! resta-me a poesia dos catálogos, o novo
Guia de Ruas do Rio de Janeiro e o
Livro Azul dos telefones.

Chegam as coisas numa algazarra de crianças:
às vezes vêm chorando e vêm vagindo para a festa do batizado
na matriz:
com meu sangue sacerdotal eu as batizo em
catacumbas palpitantes
— muitas comparecem de noite e
um fantasma responde a cada nome e cada
coisa estremece como
o assoalho de mal assombrados quartos:
sou eu:
sob seus tetos de balbuciante luz
habito.

No entanto eu os vi e me lembro: os que na palma das mãos mo-
ravam e

nas serenas residências florescia o estilo
da órbita dos astros.

Quanto a mim não resisto e
outro gesto não sei:
adeus, adeus, adeus.

O coração é a raiz dos braços y las manos
tiemblan en sus hojas lividos panuelos:

as palavras de cêra vão caindo da bôca ardente sôbre
mãos de mármore que sempre se despedem:

as partidas petrificadas
no ondular de um aceno em tardes pluviais.

Imóvel e perpétuo
eu me aflijo e me empenho.

Sobe ao redor de mim um certo aroma como
o das mulheres dormindo:

talvez um violino cheio de perfumes

goteje além nalguma tarde antiga

— vagamente recordo um tiro de pistola

num espêlho

e o coração e o rosto e tudo espedaçado,

a luz espedaçada

quem poderá mirar-se em meus partidos olhos ? —

No incorpóreo reflexo a voz imaculada
era tudo: uma voz de mercúrio no termômetro
e subía e baixava na garganta amarela.

Agora as sílabas com suas ensangüentadas asas
buscan cabezas de palomas.

Me chegam cartas extraviadas e tôdas me encarregam
de incumbências estranhas, de amores rotos
de condolências alheias e transações comerciais
e eu levo no meu barco, em meio à tempestade,
alguma imensa exportação de rosas e um tráfico de escravos
— eu

escravo de meus escravos, de minhas tímidas escravas,
com sua voz aquática e suas cabeças aquáticas boiando
e seus seios morrendo entre círculos verdes.

Talvez nalguma noite ao ouvido de alguém
eu tenha dito:

hei de ser para sempre o marceneiro do amor;
meus amigos me podem ver com meus instrumentos por
catedrais e armazens, prostíbulos e lojas,
buscando o material de minha profissão.

Talvez um dia como um embrulho abandonado
num banco de jardim,
possa encontrar e apalpar e perfumar de lágrimas
o volume azul de uma ternura antiga.

Talvez do môfo de um museu
as pálidas rainhas se incorporem
em seus vestidos mortos
e eu possa ver com o vulto das trêmulas finadas
as longas saias brancas
brancas desaparecerem.

Minha pele me assustava e eu me punha a pensar na
pele lisa das mesas e no sangue que pulsa
o coração das táboas
e vinham outros móveis — os genuflexórios, as cadeiras lavradas,
as divãs com ilícitas mulheres,
os armários com seu conteúdo,
as estantes com a trágica estrêla,
os guarda-roupas, as modistas maliciosas, os alfaiates exatos,
as flores de papel,
os adjetivos,
a poesia postiça e a verdadeira

com sua ordem alfabética e heterogênea.

Desenvolvem-se os dias

em sua flor de barro:

eu morro em cada pétala que cai,

eu vivo em cada pétala que fica quando nas

débeis hastes se erguem corolas decepadas

e o sangue das que vão

ao coração das outras volta sempre.

Os dias: — poder perdê-los em roletas profundas

como os dinheiros de Judas,

não há fronteiras entre eles,

entre eles não há paz

e os punhais de uns na carne de outros entram.

— Eu sou, ó raparigas, o marceneiro do amor

e aí de mim que não posso

trabalhar a madeira fluvial do tempo,

modelar suas rosas, seus cântaros e suas

urnas !

Sei de uma ilha noturna e um murmúrio de chuva

—ah ! nas noites de chuva o litoral das ilhas

entra na geografia dos demônios

— în marșurile de război
e în cântecul de marelui război
un cântec care este de război și de război
război.

Care este tot și cea singură e cea
război și război e cea singură de război
de război și război
și război de război
— cea singură război
de război e război:
e război de război
război e război de război:
de război război e de război război
un război de război e război război.

De război de război război e război de război
e război de război e război de război
e război de război e război de război,
război, război
război de război e război de război
un război de război e război de război
De război de război e război de război

do peixe de seu sexo a boca oír de rosa
que as pontas abrem abrindo a terra
das águas agonizantes.

Se sou homem não sei. Seduzi uma fêmea do demônio e
do sangue dos espelhos viajei.
Posso ainda lembrar as ruas com suas casas de números pares
e ímpares
e sua consistência primaveril,
as janelas sugerindo em olhos regerais
o mistério dos lares
e as pedras com suas faces cheias de calos, suas carnes feridas,
seus músculos cansados

lembrando as pedras, sonoras de meu som,
seus volumes cinzentos, dolorosos e
as cabeças de seus fantasmas
entre uma e outra rua
coagulados e semisepultos —
lembrando as bandas de música, os vigários,
os tenentes com suas esporas de cristal,
os cinemas, as livrarias, os mercados de flores
e os bondes com seu destino e sua

claridade matinal.

— E lembro muitas outras coisas: certa chama de um fósforo.

certo azul de uma saia, certa
bunda desaparecendo numa esquina,
certa vez uma estrêla e um
diálogo de amor e às vezes
uma noite de insônia e desespero —
e lembro muitas outras coisas, não só coisas,
certos sonhos, certos pesadelos de infância,
quando por bruxas, quando por espectros
perseguidos clamamos por socorro
e a voz se recusa e as pernas emudecem,
certas coisas, certos sonhos e
muitas outras lembranças tenho
que não são sonhos nem coisas e
pendem sôbre
minha cabeça suas espadas minerais.

Sob espécie musical chegam as gravatas antigas,
os circos de cavalinho, os bодоques, os sinos de finados,
o capitel das colunas,
a catedral com seus profetas pétreos e barrocos

e a capital da música enrolada na
neblina de suas bôcas.
Chegam todos como herva ou como chuva:
as tias solteiras, as avós estranguladas,
o pai de luto e ela
— a morena e triste — a das rosas pisadas
— a das litogravuras dolorosas — ó Raquel, ó Agar,
ó mãe de trinta irmãs que nunca tive:
chegam todos e chegaiis vós e
cheço eu mesmo dansando
com meu passo de funeral
e Verônica à frente de outras com perfumes,
Verônica a que chora,
a que leva o meu rosto e me abandona o seu
e outras pessoas chegam também,
desconhecidas e pálidas, de exóticos países
e tôdas têm as mãos nuas de amor
— não as posso recordar, mas seus nomes os guardo,
surpreendo-me às vezes balbuciando algum dêles
e ora são varonís, Gofredo, como o teu,
ora são azulmente femininos,
chegam com seus alfaiates e suas antenas.

1304
L. 100000

chegam trens varando noites e montanhas,
chegam navios, chegam balalaikas
— mas os deuses não chegam —
chegam maridos, chegam namorados,
chegam senhoras, chegam senhoritas,
uma cadela com seu homem e um cachorro
com a sua mulher e o seu demônio,
chegam mitologias — mas
os deuses não chegam.

Quem dentre nós sabe seus nomes ?
Talvez eles não tenham nomes como nós
para não podermos pronunciá-los e morrer.

Um dia porventura, um dia antigo,
alguns de nós tivemos o heroísmo da inocência
e suportamos seu fogo: no próprio corpo ainda carregamos a
língua
e as outras cicatrizes.

Hoje em milagres de funâmbulos hoje
em madressilvas hoje em primaveras
hoje em luas de outono hoje em contos de fada

as crianças os buscam e os escutam
as crianças com seus dialetos individuais
de palavras rôtas: e em
cada pedaço de seus balbucios palpitam por acaso
membros mutilados — sangue ainda quente
da palavra dos deuses:
onde a perdemos, esta linguagem inicial?

Foi nos tempos de antes
— nestes diálogos da infância, nosso suco — quem sabe ? —
êles beberam e hoje apenas somos
os vasos de nós mesmos.

Mas há certos crepúsculos,
certas auroras há.
E à luz recém-nascida nos erguemos de súbito
a mão em concha na ansiosa orelha:

vem de longe — mas vem:
é a asa de um veleiro, é a canção de um sino,
aroma de terra de montanha,
de pão, de vinho, de sepulturas,
de raparigas, de folhas,

aroma de água, de ar, de fogo, aroma
de raparigas e de sepulturas e de madressilvas
e de sepulturas e de sepulturas.

Ah! dos dias não sei — mas
há certos crepúsculos certas auroras
há
durante a noite — a noite feita
com um material de beijos e gargantas.

Pelas tabernas, pelos restaurantes
leio a carta dos vinhos e experimento todos,
suas marcas diversas e famosas,
suas datas remotas em violáceas aguardentes
e a missão de alcool dos corações
e um tempo alcoólico com suas visões manuais, suas lâmpadas
negras,
equilíbrios de milagres e esperanças e amores
de alcool.

Outros mundos voláteis
de arquipélagos botânicos e pura clorofila
e províncias chamadas cataléias

e mulheres chamadas Açucena e Magnólia

— as que empalidecem nuas, as de sexo amarelo, as que se des-
petalam na arcia,

as que desabrocham, como a lua, ao luar,

no púbis veludoso

uma corola —

— as de pêlo negro e de virilha pálida,

as de altos montes súplices e mornos,

las de culo redondo, las de culo canalla, las de culo sombrio,

las de orquídea en el culo,

las de amados culos alcohólicos

— dulzura de tabaco verde en pipa naranja

— mild and mellow — rúbio en Inglaterra —

negro en otras partes —

salvaje en todas — mortal en todas.

Por tôda parte e sobretudo pelas egrejas

e sobretudo pelos bordéis,

sempre de noite,

nas velhas egrejas, nos velhos bordéis.

com velhos frades e velhas putas

bebendo vinho.

Uma vez me disseram:

— tens nos olhos a pureza dos anjos e das lágrimas. Bem haja o teu rosto macerado. A poesia é de mãos postas e terás a delícia das bem-amadas sempre virgens. Sob o negro de tuas vestes os cilícios darão rosas — ó cavaleiro do sepulcro! O teu vinho foi feito com o sangue das flores e as uvas do meio-dia. Virá também... — E eu disse: não! de uma árvore e de um fruto e de uma serpente eu trago os olhos cheios. Contra meus olhos nada posso e vou viver no mar. Aqui já me persegue o demônio das coisas, o sinistro habitante das sementes. — E eu me punha a falar. E minha própria voz ia crescendo num volume de frutas amarelas. Em seu negro caroço era o Demônio. Mas a árvore é em verdade uma árvore e o fruto um fruto e a serpente uma serpente. Um gesto de meus olhos sobre eles talvez fosse o Demônio. — Sei de amadas por quem dareis a vida, mas que nunca vos dirão que sim. E por isto eu digo não!

Em tom de tango, em tom de gêlo, em tom de serenata,
em tom de noite, em tom de fogo, em tom de vagabundos e de
bêbados,

em tom de lua e de bufarinheiro
eu direi para sempre não e não.

Sou pessoa de substância rebelde:
violei as janelas de um monastério e seduzi de noite
uma abadessa portuguesa
de mornas coxas e barriga pálida
— tem valor de pintura e de guitarra
o volume de um ventre de abadessa,
seu branco globo de lírio cheio
de azul lívido em lívidos mosteiros
numa surdina surda e num estremecimento de mármore ou de
seio.

E ela também falava, a abadessa de luas desmanchadas
com sua voz boreal:
— tua boca tem gosto de oitenta prostitutas, meu disperso sabor,
carne ardente dos Cristos de madeira,
dos Cristos de marfim,
dos Cristos vagabundos —
ai! templário do amor — o ser é um sacrilégio, é um sacrilégio
o homem. —

E eu disse : não! — mas neste instante como um fruto podre
meu coração caiu.

Maldito seja meu pai e minha mãe
maldita seja !

Há os que tombam no campo e os que
perecem na cidade : malditos sejam
sob seus guarda-chuvas e seus médicos,
malditos sejam e a febre os emagreça
e a loucura os rebaixe e a cegueira os fulmine,
sejam coxos e mancos com o sexo podre
e sob a negra flor do guarda-chuva
rema a sonora flor do treponema pallidum !

E de sua maldição os malditos voltavam
— em seus velhos troncos abatidos subiam
as palavras como formigas :

— “Príncipe — e sua voz doía como formigas — Príncipe,
que és tu, senão o que tu sabes ?

E que sabes senão os números da roleta
e o sabor da cachaça
nos bordéis de mulatas?

A poesia é doente e enfermeiras de linho
com face de ataduras em gaze e esparadrapo
enchem o hospital com sua fala de algodão.

E que amas senão a vaga anestesia

nas mesas de metal?

Tu que instalaste em teu palácio

às vezes os lacaios, às vezes os traidores, os barões corrompidos
e sempre as putas — de febre ou de úlceras
a poesia moribunda"... E eu respondi tempestuosamente: não!
ainda não!

O azul não é azul e o verde e o roxo e as cores tôdas
são amarelas;

as solteiras pela rua carregam na cabeça

enormes girassóis e eu agora as conheço

e conheço as casadas com seu cheiro a lençóis

e as viúvas com seu passo meridiano e curvo

e as outras, as rosas públicas com sua ternura de baralhos en-
cardidos

— tôdas trocam com seus homens palavras de carinho ou de
indecência

mas nunca se dirão singelamente :

— agora podemos morrer. —

Há os que se matam de desespero ou de alegria — mas os deuses
colhem os que amadurecem :

a morte não nas taças de cicuta,

a morte no copo de água,
na espontaneidade
de um pedaço de pão ou de um olhar
— matar-se como os monjes rezam, como os rios correm,
matar-se como as rosas,
matar-se por destino e possibilidade,
matar-se por
continuar vivendo.

Junto ao corpo do Senhor Morto
joguei nos dados
a túnica do Senhor e o corpo do Senhor:
nada foi revelado e tudo foi jogado
e Ele disse: — ontem, hoje e amanhã e antes e depois dos
pássaros despetalados nas águas
quando uma voz boiava... não te assustes, não me toques, sou
eu...

Do fundo de minha raiz a minha boca ergueu sua súbita flor
e eu quiz dizer que não.

Não e não e não.

Arrasto na garganta a poesia amotinada,

nunca vencerei e nunca serei vencido,
ninguém me dirá: eu te perdôo.

O amor não é o amor.

A poesia é a que habita
o taciturno coração da grêve.

Tenho um amor amargo pelo ódio
e na minha bandeira escrevi — não.

À porta de Seus jardins Seus anjos e Seus sargentos
com espadas de fogo e rubras carabinas
escreveram não — e eu fiquei rondando
meu desespêro de gato expulso:

não posso entrar —

também à porta de meu cárcere escrevi — não.

Ai dos deuses que tentarem
ai dos deuses que jamais poderão
penetrar meu calabouço virgem !

Tenho dez deuses lá fóra encarcerados
— eu sou o carcereiro dos deuses —
trago no cinturão sobre o bronze dos rins
as chaves implacáveis.

E novamente começava com sua voz de vinho :

São seis horas. Toma teu violino e beija-me. És o amante e o poeta... — De súbito eu me lembrei de uma palavra e respondi — não ! Não tenho as mãos para violinos e a bôca para beijos. Não te lembras daquele louco do hospício? O que plantava a mão no colete e o olhar no horizonte e dizia, sílaba por sílaba: — eu sou Na-po-le-ão-? Te lembras ? Pois sou eu aquêlo louco. Estudo em minha barraca os mapas de campanha. Sou um tipo militar e entre a pólvora da guerrilha empunho para sempre o cabo da pistola.

Há sangue de cabeças

que a cabeça quadrada das coronhas
deixou nos coldres.

Sou um tipo de gestos militares,

exerço a profissão da guerra
com brigadas de bandoleiros e cossacos

em sortidas noturnas e estrepolias rudes

levantando à poeira da lua a poeira do vale :

raptar as éguas e as mulheres

e trazê-las

desmaiadas e brancas amarradas

à garupa e às crinas
de meu cavalo de pescoço branco,
de meu cavalo de garupa baia,
de meu cavalo de galope verde,
de meu cavalo de andadura brônzea,
de meu cavalo de cantantes patas
— eu sou Napoleão.

Os talheres — a flor de prata das baixelas,
sua missão profanadora
entre colheres, entre garfos, entre copos
a poesia trazendo quotidianamente à boca
o pão do ódio e o pão do amor,
o pão que arde e queima as mãos dos puros,
os que com suas próprias mãos se alimentam.

Tudo me provoca e eu das coisas só creio
na flor e
das flores no pólen e
do pólen no coito e
do coito no fruto que virá e
do fruto creio na semente e
da semente na árvore e da árvore

na peça que torneiam
marceneiros de dedos mágicos e tristes,
marceneiros de mãos perpétuas e românticas.

E de repente eu cantaria os usurários,
seus jalecos de alpaca e suas velhas notas,
o odor do dinheiro e de mil mãos e de mil sacrifícios,
o romance das cédulas na intimidade dos bolsos,
a aventura do comércio de cidade em cidade
remunerando o ofício das putas e dos padres,
comprando hoje uma flor, agora um pão,
uma gravata, um objeto, um copo de aguardente,
pagando um funeral e um ponto ao bacará,
missas de réquiem e quartos de bordel
— cantar os usurários e os empregados de banco
que manejam o grotesco mistério do dinheiro errante.
Chegar às mãos de alguém e dizer:
— tenho o cansaço de uma velha cédula e
sou misterioso e público e comprei tudo
— perfumes e passagens nos barcos do Pacífico,
tenho uma rescendência de vícios e paixões
entre o vestido e a pele

e estou gasto pelas mãos diárias — estas que me encheram de
manchas e de rugas e dêste olor a cravos em velório.

Assim eu faria uma ode ao papel moeda circulante e louvaria os
usurários e com êles as profissões dos homens, os troca-
dores, os pagadores, os doutores, os espíões, os carmelitas
descalços e os miraculosos camelots que erguem na rua a
lâmpada de sua voz.

Tenho a paixão das bugigangas mas
mulher não sou.

Há poesia demais — desta que vem
nas escunas, nos brigues, nas estivas,
a de pernas em flôr, a das luas de mel,
a das luas de pão, a dos mendigos,
a das luas de vinho, a dos bêbados,
a das perdidas em suas pernas de éguas e uvas
e éguas-uvas

e as mortas muito mortas sôbre
um bosque proibido entre duas espadas.

Há poesia demais e eu entre a musa e a puta
dormirei com a puta,

a musa-puta, a puta-musa musageta,

vagabunda de sêda amarela e de sapatos roxos
com seus olhos de borboleta e rímmel
seu passo de língua e seu
ar de bordel.

Entre a musa e a puta,
prefiro a vagabunda,
a das ruas do Rio de Janeiro.

Trazer no branco ventre, no branco seio, no branco corpo ser
um cofre de beijos e pétalas e carícias,
o trabalho de amor de vinte raças
e tôda a experiência de ternura
de oitenta mil amantes —
e as semanas no mar ansiosamente
e os marinheiros das terras de coral
e as grossas mãos dos operários assumindo maciez de pluma
e os jovens e os velhos e os bandidos e os puros e os que caíram
por primeira vez e os que levam serpentes e remorsos e
agulhas e rosas e rosas e rosas
— entre as pernas a rosa,
sob o ventre a rosa,
o marinheiro e a rosa,
o marceneiro e a rosa,

o salineiro e a rosa,

o sacerdote e a rosa,

o estudante e a rosa,

o transeunte e a rosa

— rosa sem pente, rosa de orvalho, rosa mística, rosa de carne

e velo — veludo e pêlo, terciopelo — rosa, rosa de amor!

Contrabandistas contrabandeando

a primavera:

vós que tendes o ofício manual do amor,

vendei-me a primavera e o verão e o crepúsculo e a aurora e um

casal de canários e de seios e uma bôca e um favo de mel

e uma noite e uma rosa e

la rosa del culo — culos rosas

en un rosal de rosas y de culos.

— Em oitenta línguas lhe disseram eu te amo e ela não
perdeu seus arregalados olhos de colegial espan-
tada. Cada vez era o alvoroço infantil dos filate-
listas achando um sêlo raro. Foi com elas talvez
que aprendi minha palavra n ã o. No cais do pôr-
to, no bairro do meretrício e em outros logares
suspeitos e românticos tomamos por santo e senha
dos perdidos o n ã o.

Agora é o tempo da memória — agora
é ontem — é o dia da primavera e a primavera é
o inverno, a lucidez da súbita manhã,
quando palavras verdes se acendem na tristeza
de um tronco negro como
no sono o sonho —
— agora são as paredes ridículas de paisagens muito cômicas
e as velhas poltronas despenteadas com seu cinismo de gastas
marafonas — agora
no moribundo mar é uma vela moribunda —
agora — na cama que foi minha sôbre a mulher que foi minha
quem dormirá ? — Agora é o tempo do calabouço, o tempo dos
frutos e do medo, o tempo da traição e da doçura, em que
troquei para sempre
minha mãe pela musa
que me ama e de seu ventre jamais me lançará:
nunca mais serei parido.
Agora é o tempo do calabouço e da insurreição e das ovelhas
encurraladas no inferno onde
a morte as pastoreia.
Hermanos: faz falta certa música:
eu sou um homem só,

eu não sei se sou homem — sou um tipo de terra colonial,
habito o cárcere e me lembro de tudo
em continentes tórridos debaixo
dos alvos mosquiteiros a rêde com seu ventre de lona e ao lado
minha garrafa de whisky inglês,
minha alegria, minha modorra,
minhas negras de tanga,
a doença do sono, a doença
do destino — a saudade, a doença do passado,
a doença do amor, a doença da morte.

Hermanos,
estou vivo:
se sou homem não sei,
mas estou vivo
— ó cães, ó vagabundos, ó deuses, ó sargentos,
estou vivo.

As coisas acontecem quando acontece a noite e
certos dias são noite e eu posso então cantar e então me atrevo
a ser o que serei na paz da sepultura — na agonia das estrêlas
e a sorrir meu sorriso de aquarela azulada
em molduras antigas:

— sou pessoa criada por pintores e tenho
consistência de flor de sargaço
— que sou ?

Sou decorativo como um cactus
— enfeito a morte:
certas noites os anjos de mármore dos túmulos
despertam: êsses anjos que existem
porque os mortos existem : — sou um deles
— do coração de um gélido jazigo
desabrocho:

ó morte, ó condessa morena, ó do lívido seio, ó das mãos ama-
relas, mulher de verdes lábios e mãos desconsoladas.

concubina do rei, condessa e puta !

Hirta pétala à flôr hirta de teu sexo
a minha língua empalidece e ali
fabrico minhas palavras. Provai-as:
têm gosto de esperma e de cadáver.

• Violões do sepulcro, violões amarelos.
violinos que morreis no meio da sonata.
no solo sepulcral,
violões do sepulcro, ó hirtos violões

tangidos pelos dedos dos defuntos,
ó violões que ouvirei para sempre, ó que tremeis
em minhas mãos geladas.

Existe o fogo e existem
certas pausas da música e do fogo
— mas as noivas
onde estarão ?

Eu estou dormindo na barriga de um violão
e alguma vez ouvi Seu nome:

eu sou um violão cheio de beijos,
sou um beijo que dorme no
ventre azul dum violão

— sou a lembrança apenas de Teu nome,
ó mulher que não vens, ó feiticeira

de blusa branca de talagarça, de nome auroso, de Saragoça, de
Kamakura, do Ceará.

Poderíamos cantar a antiga valsa. Estaríamos em Viena, amor,
nalgum lugar qualquer onde as libélulas pousassem no meu
paletó e as borboletas no meu chapéu. Fique quietinha —
não se mova nem para amar que eu a estou amando agora
— faz de conta que eu morri — não pense — bote o ouvido

na terra e escute a raiz da relva
— sou eu —
escute a pisada dos pombos — sou eu —
escute o beijo dos outros — sou eu —
escute o apito dos navios e não morra — sou eu —
escute o sino — o gramofone — os moribundos se confes-
sando — sou eu —
não diga — não faça — não fale — não ame — estou aman-
do agora — faça de conta que eu morri
e eu te verei, ó branca flôr, eu te farei germinar e
brotar de minha bôca
ou talvez de meus olhos ou — quem sabe ?
como uma rosa
da rosa de meu sexo e poderei
tuas pétalas de ar ao ar despetalar.
Ah ! que farás de mim, escrava minha ?
Não me deixes viver, não me deixes morrer,
cantarei serenatas ao pé de teu jardim,
virei de longe te esperar no cais
e no último horizonte ainda o braço, o lenço e as outras partes
de meu corpo
da popa de um navio agitarei no aceno

da despedida — adeus, adeus, adeus !

— Eu sou o marinheiro, amado meu,
que sabe a terra de duzentos portos
e voltou ao teu lado para sempre.

De repente agora te dou um beijo — escuta :
sou um homem de pedra — eram de pedra
os pais de minha raça. Mas — que ternura sôbre
as fêmeas à beira das fogueiras !

Aparecia às vezes um caçador ingênuo
e esculpia na rocha uma inscrição qualquer :
a lembrança de um rosto, o sabor de uma fruta ou
a elegância de algum tigre saltando no barranco :
era talvez uma senha de amor.

De joelhos fitavas o meu rosto de ídolo antigo murmurando :

— teu coração é um fragmento
dêsses velhos poemas de granito em escrituras desco-
nhcidas. Sei que tens um sentido de amor — mas
quem decifraria o alfabeto perdido ? Suspeito ainda a
ressonância de sílabas angélicas — dessas das crianças
e dos pássaros e das flautas flautalejando dentro d'á-
gua bôcas perdidas gleglegleglando pelos seixos claros

em três e quatro e oito mil e cinco das cinco chagas de
Jesus na cruz. —

E eu respondia, mas muito mansamente e sem
pensar :

— não. —

Estou quase rendido

— ainda não —

no Cabo das Tormentas eu me benzo — do Cabo das
Tormentas não me livro. Sou natural do Cabo das
Tormentas. Dorme na praia — destroçada — e nunca
mais ! — uma galera de ouro. Apodrecem na areia os
louros bergantins. Eu sou Napoleão, sou o miserável
poeta, fruto imaturo na praia podre do Cabo das Tor-
mentas

— eu sou o Cabo das Tormentas.

de um lado e de outro os bucaneros se olham e não
ousam — e eu danço na fronteira, bem no meio do
fogo do rubro promontório :

êi vagabundo do Cabo das Tormentas !

Onde é o Cabo das Tormentas ?

Prego em minha parede um mapa azul do inferno

— sou feiticeiro, sou pai-de-santo, sou mandingueiro, brinco com
fogo,
sou o rei da macumba
sou bruxo, sou demo no meio do mapa
sou babalaô —
as almas penadas de braços vermelhos
estão — não estavam — não sei se estarão
— se eu mesmo me perco,
nem sei onde ando
— mulata de Cabo-Verde,
mulata dos olhos verdes
à sombra das bananeiras,
debaixo dos laranjais
nunca mais e nunca mais !
Agora e para sempre, ó poetas, tomai
a represália do silêncio
— a poesia silêncio e represália,
a dos que morrem pelas ingratas
e têm a morte construída
pelo amor e
que era a vida senão aquele mesmo amor ?
Silêncio: não há música nem côr

— há o canto das sereias amarelas,
há o ouvido dos tristes e o vermelho das rosas
e uma folha de parra nalgum jardim antigo
sob o ventre de mármore dos Apolos
-- há o canto das sereias e a bôca das sereias e as ancas e o
nariz e os seios da côr dos olhos
e o nome das sereias e a sombra delas n'água e o perfume
que o vento traz de suas bôcas e de seus cravos.
Do calendário profundo os cães chegam saltando
— onde estou ? quem sois vós ?
Talvez não sereis mais que uma palavra minha
dessas que o vento azul das noites de verão
faz tremerem na bôca dos pares namorados.

Sei de uma ilha noturna sob um céu sem máscara,
sei de um cárcere e sei
de cactus nus. Sei de vós, sei de livros e mulheres e de músi-
cas e ruas e armazéns,
mas de mim já não sei — ainda não. Não sei d'água e do fogo
e da montanha e da distancia e da fronteira e dos gnomos
entre nós:
e o contôrno dos anjos e o contôrno

de deuses e demônios

quando termina ? Num crayon antigo se confundem

as linhas desbotadas: um coração, um rosto, uma cabeça e um
chapéu com suas asas tristíssimas

e os anjos que anoitecem com suas bôcas azuis
nas sacristias mortas.

Dos amictos, das opas e das sobrepelizes e das capas de asper-
ges, dos cíngulos prostrados, das toalhas do altar, das alvas
e dos alvos paramentos do padre

se desprende êste olor de surdina
verde ou púrpura

dos prostíbulos que dormem:

onde os deuses terminam e os demônios começam

já não há mais fronteiras. No mar total

à impalpável divisória das águas

ao navio de junco apenas resta

um olhar para o setentrão:

e vem um ritmo difuso e ininterrupto,

paisagens cosmográficas e anos-luz

que do peito do cárcere marinho me dominam

— estou rezando —

de joelhos no mar,

e as paredes do cárcere em líquida luz se aplainam

— estou rezando —

ó Senhor do Bonfim, meu bom Jesus de Matosinhos, minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, das Lágrimas, da Penha, meu Jesus dos Passos, Bom Jesus da Lapa, Santa Maria das Vagabundas, Vas Spirituale, Virgo Virginum Praeclara, Nossa Senhora dos Loucos e dos Bêbados — o clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria, Vida, Doçura, Esperança nossa ! salve !

Vem do âmago do inferno um rumor de correntes — violinos
— violinos morrendo e os lírios se equilibram no azul das labaredas

— eu não quero morrer !

Vem do coração do inferno — é o inferno — é o ceu — estás
comigo —

Salve !

Contigo

eu não quero morrer —

eu nada fui —

nada serei —

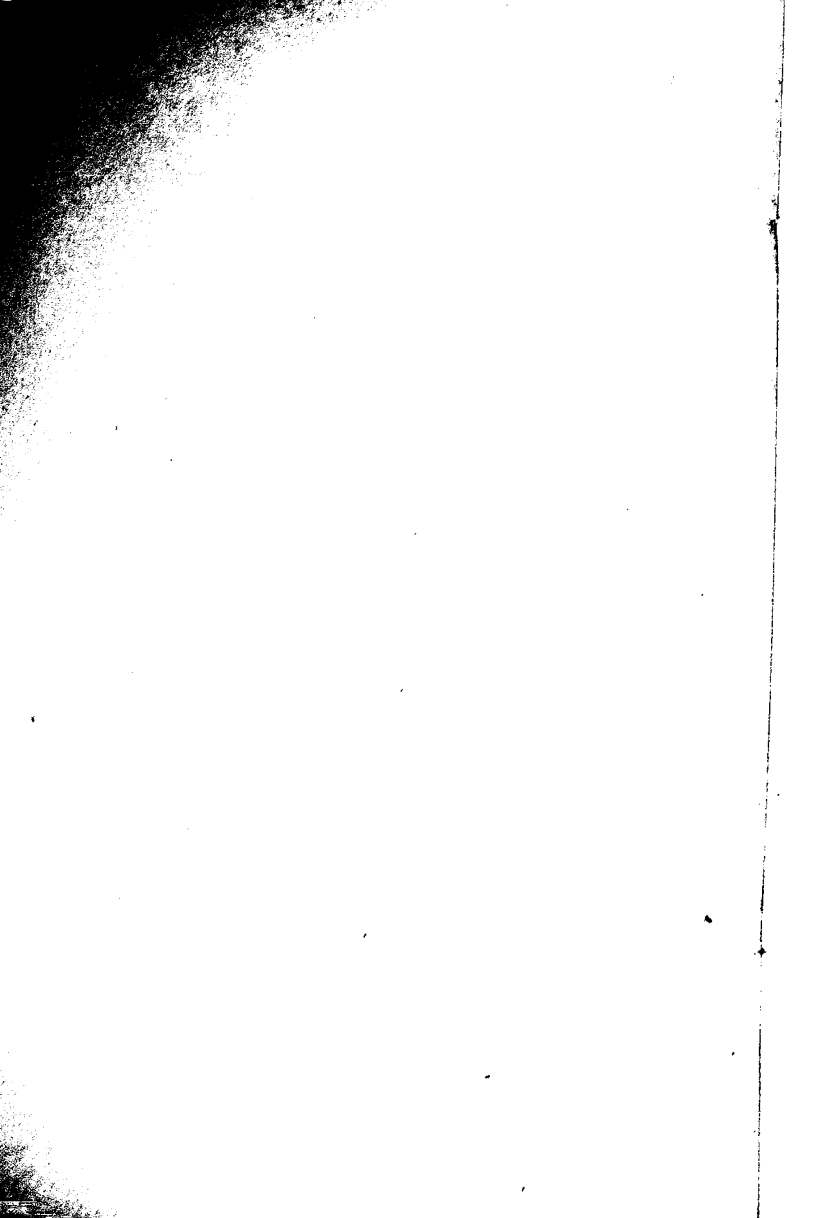
mas agora que tenho em minhas mãos a minha voz

Sou eu !

— Eu não quero morrer —
quero cantar-Te agora aqui

— Sou eu.

Handwritten text, likely a poem or letter, written in a cursive script. The text is mostly illegible due to fading and bleed-through from the reverse side of the page. Some discernible words include "Sou eu", "quero", "cantar", "morrer", and "agora".



Í N D I C E

Elegia dos Lírios Mortos	19
Elegia das Mulheres Creoulas	27
Elegia dos Bêbados de Efraím	33
Elegia da Alga de Jonas	41
Elegia à Margem dos Rios de Babilônia	53
Elegia de Suzana	61
Elegia das Horas	69
Elegia das Filhas de Loth	79
Elegia da Dança	89
O Olhar para o Setentrião	103

C O L O F O N

Este livro — escrito entre os anos de 1942 e 1944 — foi composto e impresso nas oficinas das Indústrias Gráficas Santa Teresinha, de propriedade do Autor, sob a direção gráfica de Don EFRAÍN TOMÁS BÓ e do Poeta, que construíram seu espelho, filiado à escola tipográfica de Mamert Patisson — Imprimeur du Roy — no século XVI, em França. A gravura da capa e a vinheta que orna cada elegia foram copiadas do livro de Philippes des Portes, "Les Premières Oeuvres", do exemplar que pertenceu ao Duque d' Angoulême, bastardo de Carlos IX, de França e de Marie Touchet, editado em Paris, em M. DC. Colaboraram na execução técnica desta edição os artesãos gráficos ERNANI CASTELLI, linotipista; PAULO VIEIRA DO NASCIMENTO, compositor de caixa; GASPAR PINTO MARQUES, paginador; SEBASTIÃO ABREU, cortador e encadernador; Mestre MÁRIO AUGUSTO DA SILVA, oficial impressor e HENRIQUE ALVES DE SOUZA, impressor. Os tipos da capa, em caracteres Garamond do século XVI, foram fundidos especialmente para esta obra pelo gravador vienense Luís Latt, que também executou os clichés. Os títulos internos foram compostos em caracteres italianos, de família romana, creados pelo sumo tipógrafo Giambattista Bodoni, cuja última fonte foi adquirida, para as Edições do Atril, na Tecnigráfica S. A. O livro ficou pronto na Domingo de Laetare, do Ano Santo de M. CM. L.